

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 9 de Dezembro - 1926

5 TOSTÕES



sempre
five
semana
humorista

31

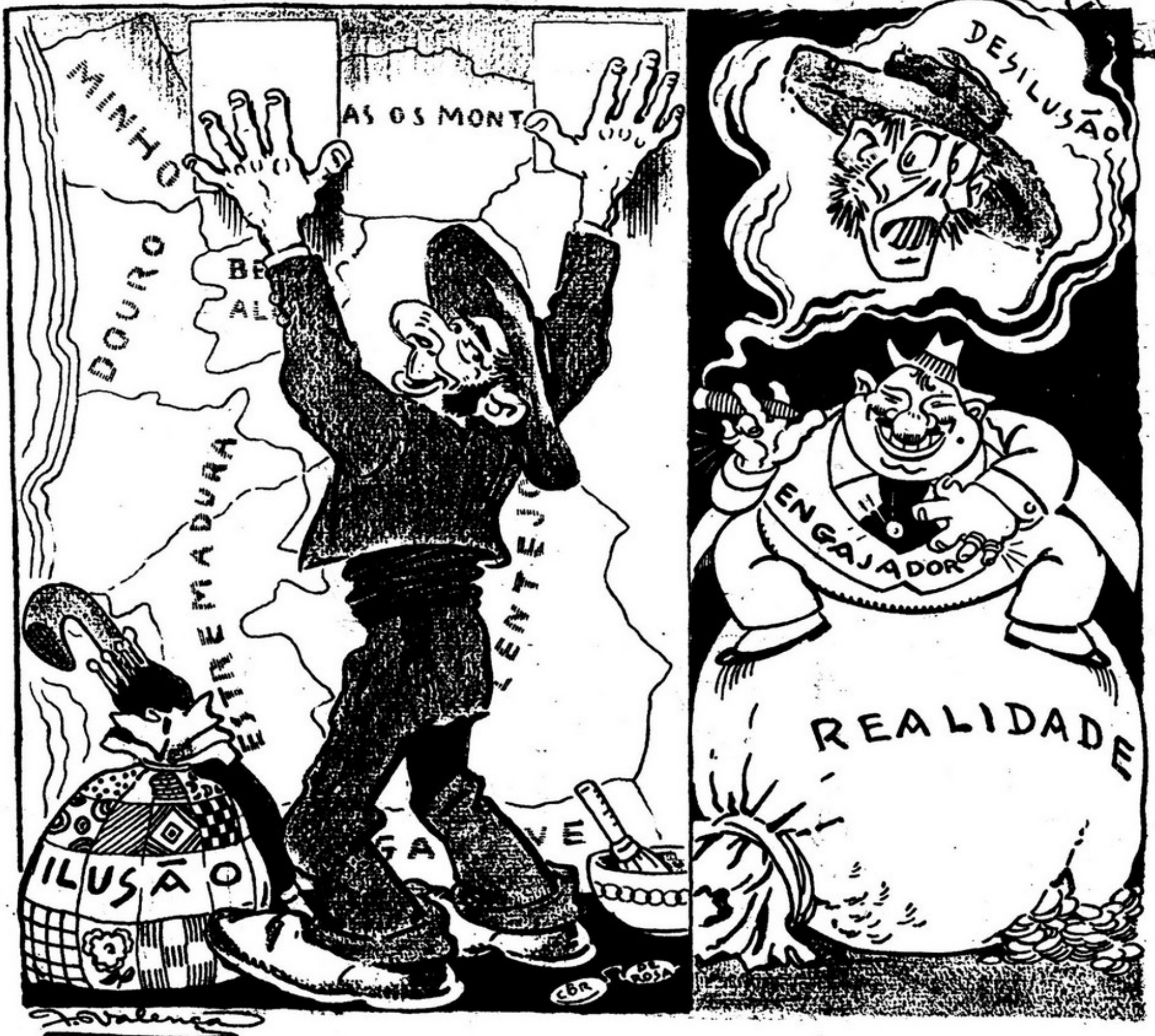
Sup. AVENÇA
e ALVARO
do Capelo BR
ARTISTAS

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administraçã
REDACÇÃO E OI
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

A FEBRE DA EMIGRAÇÃO



Portugal põe escritos. Muda-se para as Americas. Quem virá ocupar a casa?



Os ditos da semana



Um tipo da provincia chegou a Lisboa. Desembarcado, sentiu-se logo forasteiro, pela serie enorme de pessoas que o rodeavam:

- Hotel Francfort.
- Francfort Hotel.
- Avenida Palace.
- Palace Hotel.
- Hotel Galo.
- Galo Hotel.

Saiu da «gare» e entrou no café de la Gare, que fica fóra da «gare».

O seu amigo Estacio esperava-o ali.

—Em vez de o esperar na «gare», esperei-o no café de la Gare.

Com esta explicação entraram em trato. Algumas pessoas constipadas tomavam copos de agua. Tipos com cara de nevroticos bebiam café.

Pouco depois estava em trato com todos os negocios indigenas da mão d'obra de Lisboa. Ninguem fazia segredo nas conversas. E de mesa para mesa era assim:

- Vai haver barulho...
- Ficou adiado para o dia de finados de 1927.
- A coisa está tremida.
- O Governo está fixe.
- Lisboa caminha para o

progresso a passos agigantados.

—Já deitaram abaixo os quiosques dos Restauradores.

—É as ourivesarias da Praça da Figueira.

—E vão deitar abaixo a rua da Palma.

—E a igreja do Socorro.

—A Rotunda mudou-se para o Quartel do Carmo.

—Vão despedir 6.000 funcionarios publicos.

—Vão ser admitidos 6.000 funcionarios publicos.

—Vão ser sindicados todos os ministros que tem passado pelo Terreiro do Paço.

—Os que morreram vão ser exumados.

—Ha bombas aos milhares.

—Mataram o Baracho.

—Está preso o «Chiquinho de Alcantara».

—Desarmaram a Guarda.

—A Guarda está armada até aos dentes...

Nosso amigo recémchegado achou tudo aquilo estranho e resolveu mudar de café. Foram ao Martinho. Eis o que ouviram:

- E' preciso acabar com a Federação.
- Tem que se passar uma

rasteira ao Conselho Tecnico.

—O jogo já não se faz.

—Faz-se mas é em Buda-
peste.

—E' urgente correr com esse patife dos corpos gerentes.

—Isto é uma pouca vergonha.

E o nosso forasteiro pergunta:

—O que é isto?

—Politica do «sport». Vai haver a revolução da bola e vão prender o Placido.

Subiram á «Brasileira» do Chiado:

—Temos de acabar com os «botas de elastico» da Sociedade de Belas Artes.

—E queimar o Museu de Arte Antiga.

—O Viana é o unico artista digno do seculo XX.

—O Bristol é que é o verdadeiro Museu Nacional.

—Carlos Reis, pim! Pim!

—O Dantas é uma besta!

—Ha que ir para a revolução. E' preciso acabar com os gagés da arte.

—Viva o Zé Pacheco.

—Morra o Zé Pacheco.

—Abaixo o Carlos Reis.

—Viva o Carlos Reis.

Decididamente, tudo estava maluco. O melhor era irem p'r'a «Garrett», Casa socegada. Gente de tom. Era a hora que precede as cinco do chá das seis.

—A Associação Industrial tem que fechar as portas. Só serve para negocios escuros.

—Amparemos a Associação e prendamos já, já, o Pereira da Rosa.

—Aquillo da Moagem tem bico.

—E o assucar do Seculo?

—E o pão de lixo? E' preciso que se levantem as pedras das calçadas.

—Feche-se a Associação Commercial de Santo Antão.

—Viva Santo Antão!

—Morra Santo Antão!

—«Antão» esta gente em Lisboa assim é que governa o resto do pais? Oh meu amigo, quere-me fazer um favor?

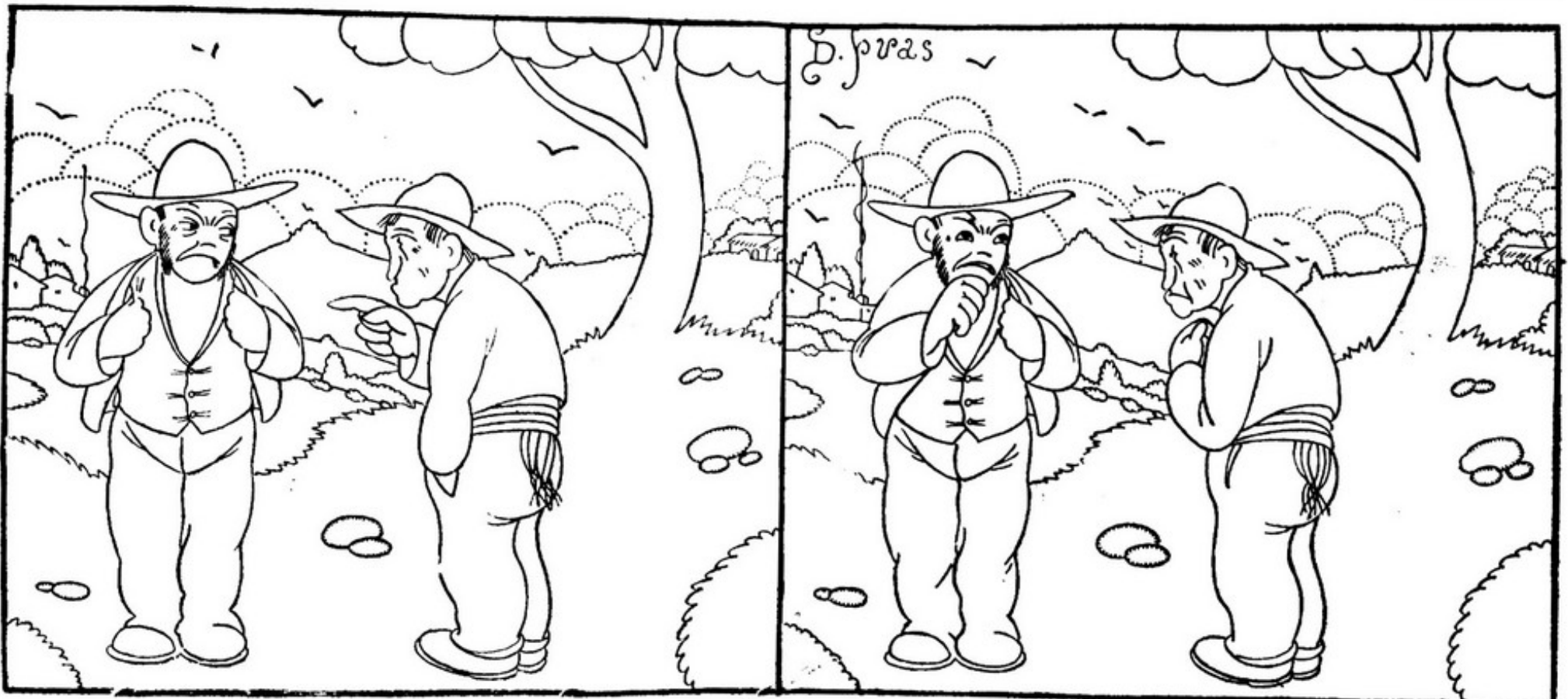
—Você dirá, forasteiro amigo.

—Acompanhe-me ao Rossio.

—A esquadra do Nacional?

—Não. A' «gare». Escuso de escolher um hotel. Ainda esta noite vou dormir á minha terra. Aqui, decididamente, ha juizo de mais.

E fugiu.



—E' como lhe digo. Cá peia nossa terra só passaram até hoje dois homens honestos... Um é você, o outro... dirá quem é... morreu o ano passado..f

OS RAPAZES DE AGORA

MANOEL QUERE BAILAR o «Charleston»

Manoel, «pollo bien» de pais ricos e de aminada meninice, apareceu na vida num momento em que sobre o mundo passa um ciclone—o ciclone da loucura, do disparate, da desharmonia.

Saiu das saias da mãe—que ainda usa cabelos compridos como as senhoras do seculo passado—para o meio das nossas mundanas, de cabelo á Joãosinho. Deixou de ouvir os compassos harmonicos dos classicos para se deliciar com o jazz assassinado pelas nossas orquestras. Porque o jazz tocado por pretos, Ex.^{mas} Senhores, é muito mais civilizado e muito mais «branco» do que a mexerufada ridi- que nos impingem muitos das nossos jazzistas.

Manoel perdeu-se nos clubes. Perdeu-se, perdeu as noites e perdeu dinheiro. Até que um dia encontrou a sua verdadeira vocação: o Charleston.

A principio, aquela dança disparatada irritava-o.

—E' pouco máscula, pouco viril, pouco elegante...

Porque tinha pretensões, o moço- lho...

Mas pouco a pouco—a dança é uma sedutora cocotte—foi-se deixando encantar. Ensaiou os primeiros passos a modo. E enquanto os outros imita- vam os cavalos, os ciclistas e os pa- lhaços, Manoel pouco mais fazia do que marcar passo.

Uma noite, porém, appareceu-lhe no caminho—e ele tropeçou com ela— uma mulher de respect. De respect como mulher e como bailarina:

—Je suis une poule de luxe...

E explicou-lhe, a sorrir, que, para ela, só havia duas coisas que valiam: muito dinheiro ou um grande bêguin.

Claro que Manoel, na impossibili- dade de estar no primeiro caso—o que acontece a quasi todos os pollos bien—só podia estar no segundo. E dali a poucos minutos estava no ter- ceiro andar dum prédio do Conde de Redondo—armado em quartel general das operações estrategicas daquela formação mixta.

Se até ali o Charleston o aturdira e o prendera, desde esse momento pas- sou a dansá-lo—por Amor.

Claro que, como todos os amorosos, pensava tanto no seu enternecimento que o Charleston lhe saia sempre de- ficiente.

Um dia annunciou-se um concurso de Charleston. E o nosso dansarino gastou três pares de botas a treinar- se, no quarto, no terceiro andar do Conde de Redondo, nos corredores— em toda a parte.

Chegou a noite almejada. E, com grande surpresa, o júri não o classi- ficou.

Essa noite foi fatal para Manoel. Perdeu o concurso. Perdeu o electri- co. Perdeu o dinheiro. Perdeu a noi- te. E perdeu a poule de luxe que, ante o seu fracasso «charlestonico», se entregou nos braços dum inglês ri- co—o primeiro caso do seu dilema...

Mono Sabio.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

A NOVELA DO "FIXE"

O Marquês de Palatrava

O marquês de Palatrava, assim se intitula o fantastico heroi desta novela, foi um rapaz como qualquer de nós, cuja nobreza escondeu durante muitos anos dos seus amigos e que um dêles, por desconfiança dos feitos e aventuras que ele contava, poudo descobrir, na Torre do Tombo, a sua ascendencia.

O brazão que ele não usava—por modestia—era formado por um qua- drado alongado dividido ao meio, ten- do, em uma das metades, uma enorme Escora numa fundo de Reticen- cias e; na outra metade, uma figura muito apagava que parecia ser a da Verdade. Uma enorme Pala encimava o seu brazão sobre a seguinte legenda: Vai p'r'ó sacco...

Tendo só trinta e cinco anos de idade, conseguiu estar 8 anos na Ita- lia, 15 anos em França, 10 anos em Inglaterra, não contando com perto de 14 anos na Serra Leoa, e ter ido ás corridas de Badajoz 12 anos conse- cutivos, aonde aplaudiu Rafael Molina, El Lagartijo, e aonde lhe pareceu ter assistido á collida de Joselito.

Os profundos conhecimentos de agrí- cultura naval foram adquiridos em Lagos, porque não ha lagos sem agua e Lagos tem boas terras de semeadura...

Numa das suas viagens pela Euro- pa teve occasião de descobrir que Afon- os XIII era seu primo, a quem pro- curou e que lhe dera uma credencial para as filhas de um capitão da guar- da do Vaticano, devido ao qual conse- guiu o que muita gente não, conse- gue: ir a Roma e falar com o Papal E de tal forma que, se estivesse mais um dia hospede do Padre Santo, aca- bava por tratá-lo por tu.

Em navegação aerea, marcou como poucos, pois Zepelin, o celebre fabri- cante de dirigiveis, foi inspirado por ele com uma maquina do seu invento sobre a direcção dos Palões...

Em Africa, de bordo de um transat- lantico, desembarcou, num «dongo», a dez milhas da terra, quando se des-

encadeou um tão grande temporal que o vento arrebatou os remos aos rema- dores pretos. Pois o Palatrava, com a sua potente voz metalica e autori- tarja, conseguiu que os «negros» con- tinuassem a remar—sem os remos...— até á praia!...

No teatro, contava as consagrações que dizia aos centenares. A primeira pedra que lançou no teatro serviu de base a um grande movimento evoluti- vo, desde os teatro de cimento até ás primeiras figuras estrangeiras de ex- portação.

Amigo de Voltaire, colaborou com Vitor Hugo e, quando alguém lhe fa- lou em Eça, ele retorquiu:

—Hum'essa!!! Se andei com ele na escola!...

Na guerra de 1914, agiu com a mes- ma fé e valentia de como em 1870.

Lembra-se que durante a Grande Guerra (peça que se representou em tempos no Apolo), um amigo deu-lho um tiro... sem errar a pontaria... Ser- viu-o... Porque o nosso fidalgo é sem- pre bondoso.

...

E assim são alguns Tartarins da actualidade, que encontram sempre, nas reuniões actuais, um publico apre- ciador, como qualquer charmeur de praça publica, que consegue vender uma pedra que, dissolvida, tanto ser- ve para evitar o suor dos pés como para tirar a carie dos dentes.

Estes exemplares especiais, de que carecemos para viver, são os inofen- sivos escoveiros que nos divertem, bem mais barato que um cinema, pela su- ccessão fantastica de quadros da sua inventiva e que vale bem a pena apre- ciá-los melhor que a um jazz-band, convidando-os para jantar ao nosso lado, para nos suavisar o duro preço dos pratos...

E ele ha tantos irmãos de Palatra- va em Lisboa!...

E se acharem que esta novela filo- sofica é mentira...—vai p'r'ó sacco.

Reporter B.



—Aquela rapariga não será um rapaz disfarçado?
—Não! Aquela é uma das que o «Diario de Noticias» salvou.

A graça LA por fóra

—Diz que sabe engomar. Diga-me como percebe que o ferro está quente de mais?
—Pelo cheiro, quando queimo a roupa.

O marido paciente:—Ha três horas que a espero para o almoço. Pobre mulhersinha, vai-me fazer a surpresa de chegar a boa hora para jantar!

—Se trabalhasse, não lhe faltaria que comer.
—Tivesse eu ferramenta!
—Que ferramenta necessita?
—Uma colher e um tacho com sopa.

—Conheces minha mulher?
—Não tenho o prazer...
—Prazer? Não digas mais... Não a conheces!

—Já pediste a minha mão ao papá?
—Telefonei-lhe e respondeu-me que não sabia com quem falava, mas que accedia com muito gosto.

Primeira frase da vítima dum pas- scio em automovel, após o choque:
—Quo infeliz ideia a de mo ter oposto a que minha sogra me acompa- nhasse!

—Isto vai melhor. As dôres de quo se queixa não me preocupam.
—Compreendo; se fosse o doutor a queixar-se eu tambem me não preocu- pava.

—Lava-te; faz como eu. Faz a bar- ba e corta o cabelo!
—Já pensei nisso; mas via-se a por- caria do pescoço.

—No dia 5 estará Marte proximo da Terra.
—Terei de pôr oculos para o vêr. Como sabes, nós, os miopes, não ve- mos as coisas que estão proximas.

Carta dela para ele:
«Os desastres ferro-viarios fazem- me recear a viagem necessaria para te vêr. Porque não vens tu onde eu estou?»

—Buscas um calça? Supuz que ti- nhas tomado um na ultima semana.
—E' esse mesmo que eu busco!

—E' perigosa a operação?
—De cinco escapa um; mas tran- quilise-se que as ultimas quatro que fiz foram mortais.

—Sabe o que fez ao casar com mi- nha filha?
—Sei: uma grande tolice!

—Compre este automovel. Tem tão excellentes molas que atrapela um transeunte e não se dá por isso...

Pel: tradução,

Perez-Lachaise

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

VAMOS ter dois originaes portugueses. Um no Politeama, que se chama *Trindade*. Outro no Ginasio, que é o *Quin do dia*. Esperamos a absolvição das peças pela epauta do differencial critico, com que Ramada Curto sublinhou algumas benevolas palavras que o nosso camarada Artur Portela pronunciou no almoço de homenagem a Matos Sequeira.

ERICO Braga diz que fuma «Melakrinos» para afirmar o seu modernismo. Será por isso que ele vai rememorar o *Mateus e Villaverde*, que já tem cabelos brancos?

NAO se diga que os nossos actores peçam despercebidos no Brasil, quando lá vai alguma companhia portuguesa de revistas. A *estrela* Lina Desmoel, quando fez o seu beneficio, que por sinal foi lindissimo, declarou logo em entrevista para os jornais que o numero de maior successo que cantava nessa noite era feito sobre letra de Avelino de Sousa. A letra e a musica desse numero entraram tanto no coração do publico que a actriz recebeu a mais calorosa ovacão de sua vida, tod' suspensa sobre o avoado moço da caúsa dos gagos...

TARIFA I mete um preto. Que lhe sirva de *muscolle*. No entanto, é bom recomendar a revista a S. Cristovão, patrono dos automobilistas. Por causa das *decorações*...

O VARIEDADES colocou num tableira de relva, que fica a entrada do Parque Mayer, uns cartazes de madeira, em que se vê, recortada, a figura da actriz Maria Helena, com o cãozinho, que entra no *Eta una es una moneta*...

NA «Tertulia» de Mestre Jacinto Benavente, no café «Lisboa», em Madrid, discutirse um assunto teatral quando a actriz Maria Gomez se declarou da opinião dum resenhegado que entrara na discussão. E Benavente comentou: «Claro, tu estás siempre con el ultimo que llega».

No teatro da Comedia representava-se ás nozes a comedia «Soledad», de José Maria Granada. Uma de Jacinto Benavente: «Se justifica el título...»

Sabes qual é a nova peça do Trindade? Sei... A *Noite de Nupcias*.

OS FADISTAS DA MOURARIA



Lino Ferreira, Filipe Duarte, Silva Tavares Lopo Lauer

— Um papel difficil! — Qual historia! Era capaz de representando todas as noites três meses a fio.

Enfim, um successo a largo prazo, com juro garantido!

A *MOURARIA* pegou. Todas as noites o Apolo tem enchentes. Vendem-se bilhetes com dois e três dias de antecedencia.

NA primeira do *Homem e os seus fantasmas*, houve um espectador que não gostou duma admiravel scena de realismo em que entra, sem uma palavra, uma rapariga de 15 anos.

O fantasma... das mulheres



ou o mais feliz dos tradutores

A plateia inteira voltou-se violentamente contra o espectador, mimoseando com frases causticas e acerbas. Um das:

— Cale-se, seu obotas de elasticos! A mais feliz, porém, foi esta: — Se calhar, este é dos que dizem: salvemos as raparigas! O dito, modulado em pianinho, provocou uma gargalhada homérica.

CHABY Pinheiro, o galã mais gorro do teatro português, vai crear brevemente, no palco do S. Luis, a opereta *Passionatal*.

Eis o que se chama uma indigestão de amor!

O INTERESSANTE *Almanaque dos Palcos e Salas*, saído agora, vem cheio de anedotas de teatros. Não resistimos á tentação de transcrever, com a devida venia, algumas delias:

Ha anos, no teatro de S. Luis, quando o director de scena ensaiava a comarceira a gritar em coro: «Abaixo o rei!»—notando que um dos comparas soltava o grito em voz tão sumida que mal se ouvia, perguntou-lhe apopletico: —Que voz é essa?

E o homem, encolido dentro do gibão, num tom muito baixinho e com um ar muito natural, respondeu modestamente: —E' uma voz de seis vintens...

Outra: O scenografo Eduardo Reis (pai), entrando uma vez no casino do Estoril, aproxima-se duma banca de jogo e, vendo um amigo a ganhar, pede-lhe um «habilitação» de cinco mil réis, termo empregado pelos pontos quando estão sem dinheiro para jogar. —O que é um «habilitação»?—pergunta o jogador. —Ah! não sabes?—responde o Reis. E' facil... «Habilis é o que pede, e «tação» é o que dá...

A terceira: Era pobre salão que veio a Lisboa pela primeira vez, depois de explorado por tudo e por todos, foi á noite ao Eden-Teatro vêr a revista. Começou o primeiro quadro, e o coro, em scena, principiou a cantar. —Mau, mau!—berrou o salão. Agoram cantam todos ao mesmo tempo para isto acabar mais depressa.

Anedota final: Fala-se de colaboração entre autores dramaticos. —E' coisa que eu não entendo, nem sei explicar que utilidade tenha,—observa um critico. —Pois não ha nada que tenha maior utilidade, responde o outro. Quando dois autores escrevem uma obra, se eia cai, é sempre do outro.

O Homem das 5 horas
Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

Fado do Alto do Pina

Mote

A quem não dá grande apreço
à balburdia cidadina,
outro bairro não conhece
melhor que o Alto do Pina.

Glosas

Do Alto do Pina, o fado
é já muito conhecido;
dizem que ele é construído
com terra e bairro amassado.
Tudo aquilo bem armado,
côos tetos feitos de gesso
e as rendas de baizo preço,
ganha ali sempre a partida
p'la segurança da vida
a quem não dá grande apreço.

Todo o morador cecerra,
na Providencia, tal fi,
que as casas que estão de pé
quasi nunca vão a terra...
E' barro que, em pé de guerra,
a policia muito fina
ponto uma tira termina,
collando o socgo ao meio,
ou não fosse um bairro alheio
à balburdia cidadina...

Bairro com tal situação
a entalagem tem até
de quem morre ir p'lo seu pé
p'lo Alto de S. João...
E tem mais esta junção:
quem a gastos fôr acisso,
se a vida subir de preço,
pode viver da Ambrosia...
e, por tal, na economia,
outro bairro não conhece.

E, por fim, dou-te um conselho
— se, de massas, não estás alto—
vai ao Pina já num se'lo
que és feliz até ser velho...
Nem te conheces ao espelho
quando mude a tua sina,
pois terás d'airo uma mina
que, p'las taludas d'estalo
é o PINA DE S. PAULO
melhor que o Alto do Pina.

(Este reclamo é flagrante cá por
coisas...)

José Barbosa.

**No proximo numero:
Fado da Estrela**

Indecisão



O civico—Será uma cegonha, ou
um professor de charleston?

ELES E ELAS

**O mercado dos "Gigolos"
e a versão livre
duma cronica liberrima...**

Ora aqui estou eu, minha querida
amiga, a voltar com um grande sarilho:

Imagina que o meu Pedro Bordalo
—que é a pessoa mais simpática desta
vida—teve esta tarde a simpática
ideia de me chamar e de me dizer,
estendendo-me um jornal:

—Vês este artigo. Tu agarras nele
e fazes o que entenderes: uma tradu-
ção, uma adaptação, uma versão li-
vre... Contanto que eu possa publicar
isso, com os meus necessos...

Está você já a adivinhar que os bo-
neços referidos são os que os seus lin-
dos olhos estão agora contemplando,
estupefactos—como se tivessem toma-
do um estupefactante.

Agarrei no jornal, que era a *Comœ-
dia*.



Li o titulo do artigo: «Choses de
Paris: Le marché aux gigolos». Fir-
mava-o um nome conhecido: Lucien
Farnoux-Reynaud.

Li o artigo. E aqui começo a mi-
nha tragedia:

— Tradução? Adaptação? Versão li-
vre?

Estas palavras começaram a bailar-
me diabolicamente diante dos olhos.
Não jantei. Fui ao teatro—e não me
senti bem. Fui ao club—e não me
sentei, nem bem nem mal. Fui para
casa e não dormi.

Traduzir? Mas como, se o artigo
é quasi todo em puro *argot* parisiên-
se, intraduzível em português?

Adaptar? Mas como, se os persona-
gens que figuram naquelas duas co-
lunas são absolutamente desconhecí-
das entre nós?

Senão, vejamos:

O artigo começa assim: pouco mais
ou menos:

Chegou Novembro com o seu cor-
tejo de folhas mortas, de castanhas,
de chefes de orquestra. Representa-se
perfeitamente por um velho dispepti-
co e megalomano com um *erlsantemo*
na lapela. As ultimas belas *damos* re-
tardadas nos ultimos castelos onde se
caça, descobriram que já não tinham
mais nada que fazer e voltaram a Pa-
ris, a fim de encantarem os seus ves-
tidos e os seus cabelos e de dizerem
«Ma chère, á roda de tortas de crê-
me.

Mas que atractivos conserva um
vestido que ninguém nos despe e que

nem ao menos nos amarrotam? Ha-
lá coisa mais massadora do que a tor-
ta de crême quotidiana, quando de-
baixo da mesa não se encontra uma
mão para apertar ou um joelho para
roçar?»

E depois acrescenta:

«Não se trata aqui de amor, senti-
mento muito zaragateiro que, inco-
modamente, despeneta, desmaquila,
pisa os olhos, provoca mesmo as la-
grimas,—aventura incompatível com
o rimmel. Nós exprimimos abertamen-
te o desejo discreto do *gigolo*.

O mercado está todas as manhãs
aberto entre a Porte Dauphine e a
Etoile—e eis o motivo porque as be-
las *damos* vão ao Bois.»

Outro trecho:

«O gosto pelo *gigolo* não é tão novo
como se afirma. Em todos os tempos,
a *coquette* avisada e cuidadosa do tri-
plo equilibrio do seu coração, dos seus
sentidos e do seu bem-estar, usou pelo
menos três, possuindo um amigo, um
amante e mais alguns a que cada
uma dá o nome que quere.

O amigo: é muitas vezes uma bar-
ba, e sempre um livro de cheques...

O amante: é o vicio secreto, o or-
gullo, a obsessão, o encanto gosado,
o prazer provado—o prazer que se dá.

O *gigolo* é util: distrai, e está a
toda a hora á disposição da bela da-
ma. Leva o cão, tira o casaco de pe-
les, abre as portinholas, não recebe
gegetas e faz assim passar o tempo
e, por vezes, o amor.

Dá-se-lhe, evidentemente, alguma
intimidade... Mais ou menos definiti-
va, segundo o lugar, o momento, a
temperatura e a pressão atmosfé-
rica.»



Até aqui, a coisa não foi mal. Mas
dêste momento em diante, não tradu-
zo mais uma linha.

O *gigolo*, tal como o descreve o ar-
ticulista, é intraduzível em português
—mesmo em versão livre. Resultaria
incompreensível, transplantado para
Portugal.

Aqui—não se iludam com meia du-
zia de meninos de calças largas e ca-
saco curto!—não medra o *gigolo*. Al-
gum exemplar raro que por ali apa-
rece—é «educado» por Paris.

Pollo Charlesten .

Bric-à-Brac



ELE—Sou eu o primeiro homem
que te beija, Lina?

ELA—O quê, Ricardo?... Acaso
julgas que vivo numa ilha deserta.



—Diz-me a verdade José? Vai
soar a minha ultima hora?

—Parece-me que não, o relógio
está parado...

NOVA CASA
— ESPECIALISTA —
DE MEIAS E PEUGAS
RUA IVENS, 53 (ao Chiado)

Entre artistas



Oi! Uma nota de cem escu-
dos como ha poucas!

—O que tem ela de extraordina-
rio?

—Ser minhs...



NOTAS SOLTAS

O KILOLITRO DO «NOTÍCIAS»
desarrincado pelo Automovel Club numa tarde de vento

Conforme estava anunciado ha quinze dias, o sr. Abilio Nunes dos Santos Junior ganhou a classificação geral da prova automobilista do quilometro de arranque, levada a efeito, domingo passado, no Campo Grande. Durante toda esta semana, ha retalhados, abatimentos e balões ás crianças, nos Grandes Armazens do Chiado.

Na categoria *sport*, Antonio Burnay ficou por cima. Posição muito para admirar—tratando-se d'um *Acrobate*...

* * *

Todos aqueles *pollas bien*—como costuma dizer o nosso Felix Correia—que param em frente do Martinho com uns carros *super-hiper-sport* aterradorizadores, estiveram no Campo Grande... na tribuna das senhoras.

Aquelas alucinantes *medias* abundantemente historiadas á mesa do café, não passam afinal—de *medias filométricas linguais*...

* * *

Não ha periodico que agora não insira espaventosos anuncios de marcas de automoveis e de pneus e de molas e de oleos e de gazolinhas—tudo muito bem fundamentado sobre as classificações obtidas no kilometro do arranque.

A unica conclusão a tirar é a de que o aspecto comercial se está sobrepondo demasiado ao aspecto desportivo.

É evidente que as primeiras classificações são optima recomendação para o publico—para o publico que gosta de andar depressa. Mas, porque não hão de, as corridas automobilistas, dar lugar a uma publicidade mais original.

Métodos novos! Métodos novos!

Novos métodos, dignos de agitar o mundo e de forçar-lhe a atenção. Ahí vai um, entre mil:

—Lança-se a toda a velocidade um automovel sem *chauffeur*, escolhendo-se de preferéncia um sitio em que haja grande affluéncia de espectadores.

Evidentemente que ha nms prejuizos materiais e pessoais. É natural até que o carro fique feito em estilhas—e que alguns espectadores fiquem também feitos em estilhaçadas...

Mas tudo isso são questões secundarias, uma v.z que o que se pretende atingir é uma boa publicidade.

É para a conseguir basta arranjar um dispositivo que fa'a aparecer por sobre os estragos um grande *placard*, com os seguintes dizeres:

—*Nada disto teria succedido se este carro tivesse os afamados travões «Párahís»!*

E, já agora, citaremos também o incendio voluntario e consciente como um dos *trucs* mais sensacionais.

Trata-se do seguinte:

Parte-se para a corrida com um automovel avantajado, com o motor a trovejar e expelindo nuvens de fumo. É claro que a atenção geral converge para o monstro fumegante e irrovejante.

Ao passar num sitio em que haja muita gente—de preferéncia em frente das tribunas—deita-se fogo ao carro, com um pouco de gazolina ou de qualquer outro modo. Ha muita maneira de se ser incendiario...

Logo que o fogo pegue, salta-se do assento com ligeireza e grita-se para a angustiada assisténcia:

—*Que infelicidade a minha! Não ter eu aqui um extintor automobilista da acreditada marca «Bomb-Eiros»!*

* * *

Um policia, ao ver chegar um minusculo «Renault», guiado pelo mais simpatico *sportman* que acabava de fazer o seu brilhante percurso em 46 horas, 32 minutos e 23 segundos e dois tintos, perguntou:

—O cavalheiro sabe dizer-me quando começam as corridas?

* * *

O juiz de partida, ao dar a largada a um concorrente, esqueceu-se de

estipulado no regulamento: 5, 4, 3, 2, 1 parta. Reclamação do concorrente, que é um distinto corredor internacional habituado ao rigor dos regulamentos.

Comentário dum assistente:

—O' Calixto, o melhor é gritar-lhe: *Bola que o... parta!*

* * *

Os grandes corredores dos melhores carros falharam todos.

Sebastião Renault entrou na meta a falhar; o «colossal Iso'tta Esmifra» entrou só com um quarto de cilindro, e assim mesmo a suar. Houve até um Lobo da melhor gama que ao fim entrou a dançar o Charleston... no seu *Aus...bardos*.

* * *

Moniz Pereira, o infatigavel *metteur-en-scène* do Automovel Club, estava radiante com a figura admiravel do seu *chauffeur* inglês, que não houve maneira de lhe cronometrar

os chamados *dois tintos*, porque só bebia *wisky*.

* * *

O *Rally* de Castelo Mendo—bolido esperado anciosamente na meta, entrou nela afinal em acompanhamento de enterro.

É só depois da meta passada é que pegou a pleno rendimento em todos os cilindros havidos e por haver. O que se explica pelo escrupuloso receio que o concorrente deve ter tido em bater... os competidores.

O carro entrou de tal maneira que numa das tribunas se levantaram duvidas sobre se viria em terceira ou em quarta.

Pereira da Rosa resolveu a questão magistralmente:

—*Vinha... ahí... numa meia quarta...*

* * *

Acabou a primeira volta do campeonato lisboeta de foot-ball, com o Belenenses á cabeça e o União a ra-bejar...

Entramos em ferias de Natal, mas já se sabe que não apanhamos o *bombón* do Portugal-Hungria... nem por 12.000 pesetas...

A Federação Portuguesa só tem dois caminhos a seguir. O encarregar o sr. Ferreira do Amaral de regular a questão—ou multar os húngaros, como multou o Vitoria...

* * *

Bernard Shaw, profissional do teatro e do romance, acaba, nesta qualidade, de ser posto *knock-out* pelo pugilista Gene Tunney, critico literario amador.

Shaw desejava filmar o seu romance *A Profissão de Cashel Brown* e queria que o campeão do mundo des-empenhasse o protogonista.

Tunney respondeu:—«O caracter do heroi é mal traçado e o enredo é tolo. Por falta de psicologia, Shaw falhou uma bela ocasião de escrever uma bela obra sobre um *boxeur*. O seu *Brown* é um parvo, cujas maneiras vulgares, indignas dum *gentleman*, são pouco de mole a excitar a admiração duma rapariga—que, de resto, é completamente absurda».

É Gene Tunney decidiu que, a menos que o caracter do personagem sofra radical transformação—não o interpretará no *écran*.

É um *directo* o muito duro que o campeão do *ring* applica no campeão do teatro inglês...

* * *

Segundo o brilhante critico francês Gaston Bénac, o facciosismo comp o grau de ignorancia dum espectador de *foot-ball* pode apreciar-se somando o numero de exclamações, de gestos, de gritos, de protestos e de apitos.

É a seguinte formula dum matematico desportivo comporta uma grande dose de verdade:

«—O volume da incompetencia é igual ao quadrado do barulho e dos gestos, multiplicado pelo colorido da epiderme e dividido pela intensidade de alucinação do olhar.»

Quadras footballistas

*Nas ondas do teu cabelo
vai-se o União afogar;
pois quere que o mundo saiba
que ha teams cheios de azar.*

* * *

*O Belenenses faz goals
com linhas feitas de gaz.
O novelo é a bola cheia,
p'ra goals dar em cabaz!*

* * *

*Benfica que vais tão alto
por essas serras d'além,
leva-me até Olhão,
que tão bons jogadores tem...*

* * *

*Leão que foste boão;
oh, leão que já não és...
vê se a intriga te vira
da cabeça para os pés...*

* * *

*Se Alcantara fizesse minha,
como é do Cramelinhos,
mandava-lhe por ao meio
um bouquet de canulinhos!!!*

* * *

*Half-Baks! Casa Pial!
—dizia o filhinho á mãe—
Quando eu era campeão,
passava-se o ano bem...*

* * *

*Se eu soubesse que voando
me tornava um jogador,
ia pedir ao Imperio
que me fizesse amador.*

Cargri.

Rebola-A-Bola.

Ao "João Franco"

(Crismado por nós, simpático filósofo e conhecido criado da Brasileira do Chiado)

Caro João! Este meu pinto encerra uma homenagem justa de um amigo — talvez que eu seja, até, o mais antigo — do tempo em que vieste lá da terra.

Tu, vencedor heroico desta guerra da Vida, em que um mav passo é um perigo, tens dado tantos bons que nem consigo fazer um cálculo porque tal me aferra...



A' Brasileira, tu, vieste aprender, entre os frequentes de calor diferente, tão sábias coisas que, a meu fraco ver, fizesse a Galiza um Estado Independente dos espanhóis, que não podia haver ninguém melhor que tu p'ra Presidente!!!

José Barbosa.

C. M. L.

A restauração dos "Restauradores"

Caros senhores vencedores: Agora, sim, vi-se o trabalho do camarelo e mais do malho na Praça dos Restauradores!...

Aqueles bons trabalhadores, nos seus talhões, deram tal talho que, ao escangalharem o cascalho, até par'ciam uns motores...

Um dedo assim de militares tem pelo esforço um grande domo, além da minha aprovação...

Do Pelourinho os novos arcs pós tudo a nú como no front... e os talhões... como no front...ão!!!

Reporter B.



Restaurant Rosa de Malo

Rua de S. Nicolau, 122

Explendido serviço de almoços e jantares. Almoços e Jantares d'Œuvre. 2 pratos, fruta, café, 2800; Jantares, 1000, 3 pratos, doce, fruta, café, 11000, e um bom serviço de lista. Este estabelecimento tem uma confortável sala no subterrâneo.

MOVIMENTOS ACELERADOS

Como se anda na vida E Como se anda em Lisboa

Como é necessário, bom, o erratismo que a viagem proporcional Viajar, errar—que muito bem se pode, igualmente, traduzir por enganar-se—é a gente mexer-se, não estar parado, e a quadra é uma roda viva do excesso do movimento. Não se deve parar. Não se pode mesmo parar. Tem de se viajar todos os dias. Viajar, fugir...

A vida moderna, cada vez mais frenética e sobrecarregada em todos os domínios da actividade humana, só procura, se preocupa em achar a rapidez, seja em que fór e para o que fór. Depressa é a divisa: nos sentimentos, nos pensares; no céo e na terra; em aeroplano ou em auto, que volatilize ou triture, aparelho e tudo, como o outro dizia do condutor da carriola.

Antes de todos nós—está também assim: quer seguir sem cessar, a vapor, ter tudo no mesmo momento que, por fim, é, talvez, o meio de não querer, não ter nada—que, verdade seja, é o remate neurasténico da existência quotidiana. Seja ambulante! Viaje, erre! Siga! Para a frente! Por seu pé é que já não se pode ou deve andar, pertencendo as vias calçadas, por completo, aos chauffeurs, ou o seu ultimo decreto de ensinamento não é gasolina, embora ela já seja aplicada a 2800 e 850 por fracção.

Só o valor pára e desce. Tudo o mais sebe e anda, perturbadora, alucinadamente.

Não pare! Ande, pois, dê vôos. Para a frente é que é o caminho. Mas que frente? Depressa! Mas para quê e chegar onde? Não precisa, não tem que saber tal. Ande, ande! E' mecher-se, mecher-se...

Na sua velocidade, também, ao pensamento não lhe dão tempo para atender no criterio, que fica para traz, tanto do raciocínio como da intelligencia. Não importa! Ande, ande, ande veloz!

A estetica cidadina obedece e também não pára. Ande aos bolões, á ordem do movimento. Perde a sua característica para acompanhar o transitio, mas o que é preciso é andar, não desrespeitar o movimento da rapidez inculavel e necessaria, indispensavel. Mas, característica não é motriz e girar é a ordenança.

O antigo Rossio—aliás citado lá fóra, por autoridades, como um tipico recanto a vêr, diferente dos outros (e quando tudo fór igual a curiosidade facultada ao touriste unifica-se,

desaparece)—foi imolado ao movimento acelerado e transformado em garage. Passa-se hoje por ele, sem as suas lindas arvores—os fornecedores da aceleração passam—depressa, a 90 H. P. á hora. Não ha necessidade de o vêr, nem ha de quê, mas os carros não perdem segundos nos andamentos proprios duma cidade que acompanha o veloz progresso automobilistico. Dar vazão, facilitar o movimento apressado dos autos.

Os peões que entrem no ritmo pedestre-velocipedesco por pouco tempo, pois não vem longe o dia em que cada cidadão alfacinha, tendo um automovel, até os pedintes desaparecerão das ruas, só com sitios para as rodas dos autos.

Não é disciplinar por diques ás correntes, como ás aguas dos canais, ou seja condicionar a rua do Arsenal. O que é preciso é forçar, avançar o movimento. Que se passe a 90 na rua do Ouro. Que tudo seja atravessado vertiginosamente. A cidade carece de disciplina na aceleração. Depressa, que as rodas vôem...

Para onde vai ela com essa pressa? Para trabalhos cujos minutos estão contados? Para apagar algum fogo inextinguivel? Para o sossego duma labuta bem ganha? Mas se ela não tem agita, se o descanço é obrigatorio semaridamente, se os esgotos nem como os carroças puxadas e hors conseguem chegar ao collecter por fazer, se até nos projectados passeios o corpo não pode repousar?

Tudo se limita e só para a velocidade se procura saída. Limita-se o trabalho a horas fixas; as barrigas ás deficiencias alimenticias; as casas ás faltas; o numerario, a arte, as competencias, os trajes femininos, etc., tudo. Só o movimento é que é necessario não retardar. Ha pressa.

Agora, tiradas os dentes á boca da Avenida as bonitas e grandes arvores que a abrihantavam, melhor ela engulirá toda a velocidade escoanto da Baixa? Poderão mais facilmente correr, girar para os seus destinos, como os 900 contos roubados no Grandela e a cifra dos restos do Angola o Metropoli que não ha meio de ser apanhada...

E' andar a vapor. E' facilitar a corrida da velocidade. E' vêr na celeridade, pois os olhos não podem parar. Depressa. Aumente-se o movimento, que é a vida deste mundo, que assim, cada vez mais depressa, igualmente, nos está mandando para o outro.

José Parreira.

Quarto misterioso

— O senhor fica aqui muito bem instalado. O quarto não é muito caro o fica muito central.

Ela sorriu e eu fiquei instalado. Olhei o quarto, como se olham as nossas coisas que ainda cheiram a novo.

— Ah! Quero fazer-lhe uma recomendação. A chave...

— E' verdade, a chave.

— Vou ser franca. Eu ainda não podia alugar este quarto. O hospede que cá estava ainda tem direito a ele durante dez dias. Mas eu não quero cá o homem.

— Ora essa...

— Imagine que li ante-ontem no jornal que o homem fóra preso por gatuno. Vinh o retrato dele no jornal. Ora eu não quero gente dessa na minha casa. Por isso resolvi alugar o quarto.

— A chave?

— E' tem uma. O meu receio é esse. Imagine se ele aparece por ali...

— Era capaz de agarrar na senhora e metê-la na bolsa.

Claro que não acreditiei na historia. Não pensei mais na chave e deixava o quarto o mais possivel desimpedido.

A terceira noite, ali pela madrugada, senti mecor a chave á porta. Naturalmente, exclamei, entusiasmadamente.

— Entra, meu amor. Está aberta. A porta abriu-se de mansinho e entrou um homem.

Ao mesmo tempo, exclamámos: — Que pouca vergonha vem a ser esta!

O homem não se desmanchou e disse:

— Bem, bem! Não façamos barulho. Já percebi tudo. A senhora alugou o quarto na minha ausencia.

— Mas o que é que o senhor quer?...

— Precisava que o senhor saísse um bocadinho para fóra da cama...

— E' e' muito boa...

— E' só um bocadinho...

— Mas o que é que o senhor quer da minha cama. Se quer dormir e não tem quarto, tem ali o de fóra.

— Eu não quero dormir. Vou-me já embora... Precisava que o senhor saísse da cama por uns cinco minutos, e olhe que não perde...

— Mas para quê?

— O' senhor! quero vêr o colchão.

Sai da cama para cair nas nuvens. Enfiar um roupão e sentei-me numa cadeira. Confesso que estava interessado na aventura. Era bem a aventura extraordinaria, ou antes o misterio de colchão da minha cama.

Entretanto, o misterio desfazia-se:

O dono do meu quarto afastou os lençois, pôs o colchão á vista, mergulhou as mãos não sei em que maravilhosas grutas de suma-á-uma, porque ante os meus olhos, senolentos e delumbrados, vi aparecer uma infinidade de cordões, anéis, bolsas de ouro, colares de perolas e, desafiando o meu pasma, dar-me as boas noites, pedir-me desculpa e desaparecer.

Só então acreditei na historia da minha hospedeira...

Passou uma noite horrivel. — Que gatuno de alto calibre... E se ele tambem me levou os braços tão lindos da minha hospedeira?

Felizmente, deixei-me ficar e eles fizeram-me esquecer esta aventura do colchão da minha cama...

Eduardo Frias.

!! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

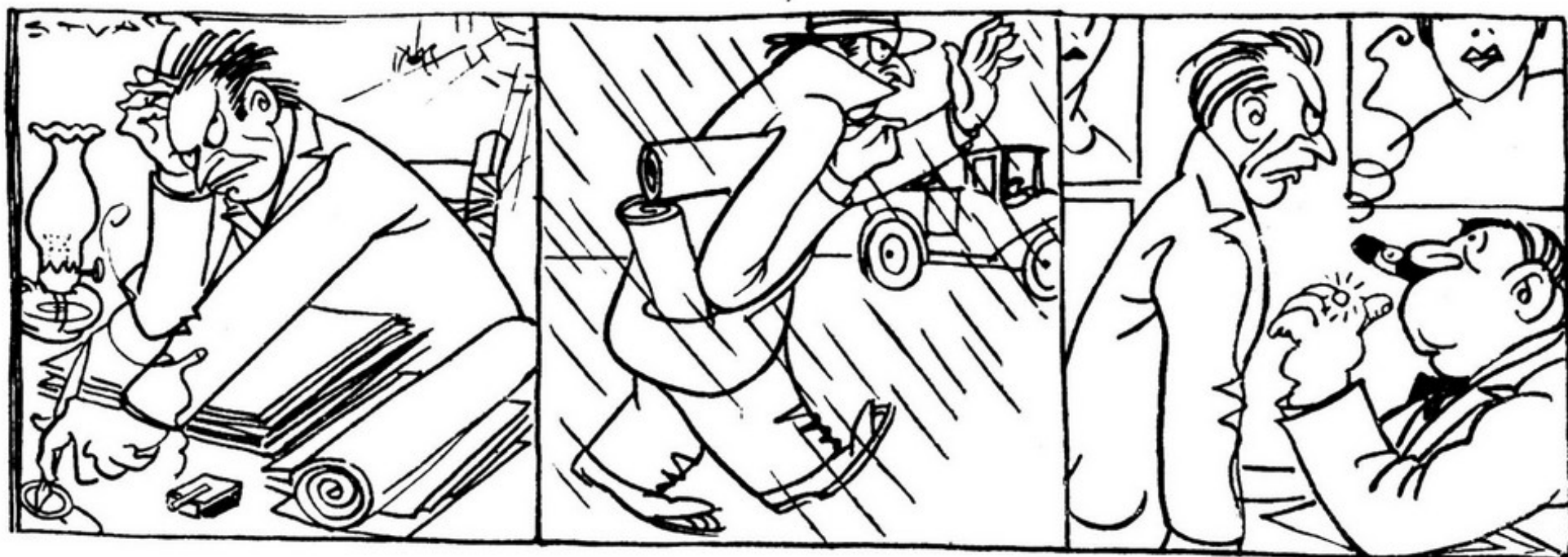
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8\$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA





--Agora sim, agora estou certo de que agrada em cheio!

--Chamemos um "taxi.. sempre dá outra vista...

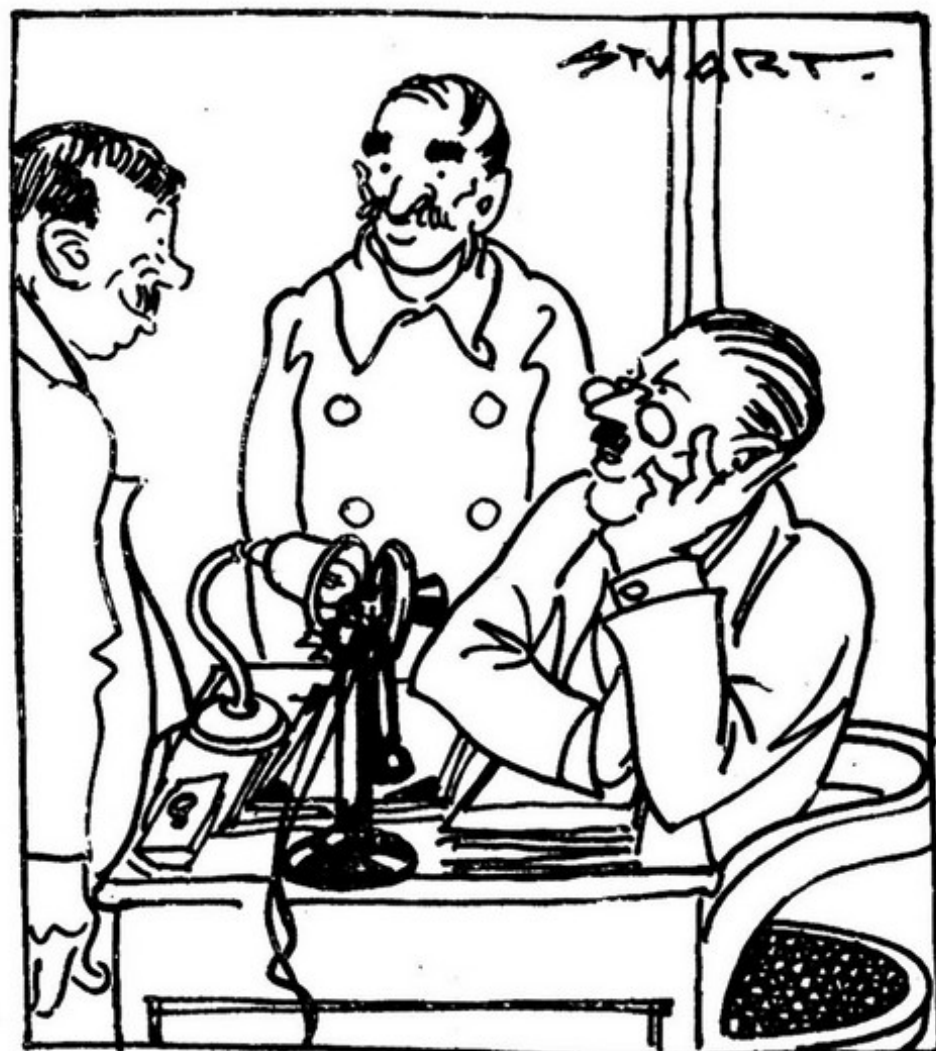
--Na sua peça ha pouco nu... dispa-a.
--Despido já eu estou: Tenho tudo no prego.



--Que trazes ai, homem?...
--Miolos de carneiro, freguez.

--Então serve este senhor, que eu já tenho miolos demais...--disse o sr. Agostinho com ironia.

Mas o sr. Varela que não é tolo, atalhou:
--Bem, então serve-mos todos, que eu nunca tive miolos de carneiro ...



E' verdade o que diz o guarda? O senhor deitava agua no leite?
--Então que quer, senhor juiz, o vinho está tão caro...



--Não chore que o papa paga a multa.
--Mas o pior é que tenho que encaixar todos os "schools.. que ele me quiser dar no trazeiro.